



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7798 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

JOVENS NEGRAS UNIVERSITÁRIAS: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E PARTILHADAS
 Maria do Rosario de Fatima Vieira da Silva - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO
 Agência e/ou Instituição Financiadora: Não teve

JOVENS NEGRAS UNIVERSITÁRIAS: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E PARTILHADAS

INTRODUÇÃO

O debate sobre as desigualdades sociais e raciais no Brasil nos ajuda a pensar como algumas categorias, entre elas classe social, gênero, raça, sexualidade e geração vêm se constituindo importantes e centrais para compreender a relevância da luta de grupos que historicamente ficaram a margem da sociedade sem o acesso a direitos básicos e ao exercício da cidadania. A discussão sobre essas questões se apresenta como possibilidade de enfrentamento as exclusões vivenciadas por determinados grupos, entre eles, a mulher negra, em virtude de práticas sociais perversas e de políticas universalistas caracterizadas por uma igualdade utópica que não levam em consideração as demandas identitárias e continuam privilegiando a cidadania dos indivíduos a partir das categorias mencionadas acima, entre outras variáveis que marcam os indivíduos.

Assim, abordar a condição da mulher negra na sociedade brasileira, requer a priori, pontuar que ela ao longo da história foi submetida a condições subalternas, caracterizadas por relações de opressão, dominação, exclusão e desigualdade. Muitos avanços e conquistas foram efetivadas nas últimas décadas, contudo a situação ainda é grave e demanda ações de enfrentamento a curto, médio e longo prazo.

Dessa forma, colocar em pauta a discussão sobre juventude negra, especificamente a feminina, se reveste de grande importância diante das barreiras e dificuldades enfrentadas por esse segmento desde a colonização até a contemporaneidade. Entre esses obstáculos, a educação se configura elemento fundamental que pode limitar ou ampliar as oportunidades de inclusão no mercado de trabalho, bem como oportunizar o acesso a bens e atividades culturais e tecnológicas que favorecem melhores condições de vida e mobilidade social.

O presente trabalho é parte da pesquisa de doutorado em educação que se encontra em andamento. O estudo intitulado: Jovens negras universitárias: experiências vividas e compartilhadas apresenta como problema de pesquisa o seguinte questionamento: de que forma as questões socioeconômicas, cor/raça e de gênero afetam e como afetam as experiências de jovens negras universitárias na cidade de Parnaíba-PI. De maneira geral visa compreender como jovens universitárias pretas e pardas tem suas experiências marcadas pela condição socioeconômica, raça/cor e gênero.

Especificamente, o estudo pretende conhecer as experiências de jovens universitárias pretas e pardas; analisar as interfaces entre gênero, raça/cor e condição socioeconômica e as experiências de estudantes universitárias na cidade de Parnaíba (PI) e identificar os desafios vivenciados por jovens negras universitárias e os recursos e estratégias mobilizados por elas para superá-los.

Frente a estes objetivos, a abordagem contemplada é de cunho qualitativo por entender que ela possibilita a compreensão de dados importantes a respeito dos sujeitos enquanto seres sociais, bem como por suas bases teórico-metodológicas considerarem a realidade histórica e social dos sujeitos e pressupor uma relação direta entre o mundo objetivo e subjetivo dos seres humanos. A aproximação com a abordagem qualitativa leva em conta que estamos trabalhando com a história de grupos que possuem uma trajetória de silenciamento, necessitando de uma proposta metodológica, onde as experiências destes indivíduos sejam evidenciadas e tomadas como ponto de partida para uma análise pormenorizada.

Chizzotti (2014, p. 28) esclarece que “[...] o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”. Ressaltando a importância de uma proposta metodológica que contemple o interesse em compreender o que os indivíduos pensam sobre suas experiências, vivências, motivações, aspirações e sentidos.

O *locus* da pesquisa estar localizado na cidade litorânea de Parnaíba, região Norte do estado do Piauí, porta de entrada para o Delta do Parnaíba. É a segunda maior cidade do estado, de acordo com o IBGE em 2020 possui aproximadamente uma população 153.482 e Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M/2010) 0,687, estando na faixa de Desenvolvimento Humano Médio (IDH-M entre 0,6 e 0,699).

O ensino superior no Município de Parnaíba apresenta um significativo desenvolvimento, se constituindo como cidade universitária, haja vista que vem se tornando referência neste nível de educação para os municípios vizinhos dos estados do Maranhão e Ceará por dispor de inúmeras instituições de ensino superior. Na esfera pública o município de Parnaíba conta com atuação da Universidade Federal do Piauí-UFPI, Universidade Estadual do Piauí-UESPI e Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia – IFPI. Já na rede particular se destacam a Faculdade Uninassau, Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba-IESVAP (Faculdade de Medicina), Faculdade Internacional do Delta - INTA /FID e Faculdade de Tecnologia Intensiva-FATECI, Faculdade Estácio Polo em EAD, entre outras.

Neste variado universo de IES^[1], selecionamos três instituições para compor o *locus* da pesquisa, duas públicas e uma particular. A escolha das instituições se justificou pela abrangência que elas alcançam em Parnaíba e municípios vizinhos, bem como por adotarem políticas que objetivam o acesso de estudantes negros e de classe populares como programa de reserva de vagas étnicas e para alunos da escola pública; financiamentos

estudantis como PROUNI^[2] e FIES^[3].

O *corpus* do estudo até o presente momento está constituído de 10 jovens negras universitárias, considerando que pesquisa ainda se encontra em andamento. Os critérios estabelecidos foram: ser mulher negra, se autodeclarar negra, aderir ao estudo, está no recorte etário de 18 a 24 anos, ter cursado o primeiro ano da faculdade. Está devidamente matriculada em um dos cursos de graduação ofertados pelas IES selecionadas.

Na etapa de construção dos dados recorreremos ao uso de dois instrumentos. O primeiro foi o questionário para traçar o perfil socioeconômico das alunas e obter informações relevantes que possibilitaram selecionar as estudantes que possuíam o perfil ideal para fazer parte da fase mais detalhada do estudo. E o segundo foi a entrevista compreensiva, haja vista que a natureza qualitativa da pesquisa requer um instrumento de produção dos dados que considere a capacidade de reflexão dos indivíduos enquanto ser social e individual. Assim, na etapa de construção dos dados nos respaldamos teoricamente na entrevista compreensiva criada pelo sociólogo francês Jean-Claude Kaufmann (2013) que tem suas bases no pensamento weberiano, o qual está ancorado numa explicação de caráter sociológico que visa compreender o sentido da ação do ser humano.

Como procedimento de interpretação dos dados produzidos, adotamos a análise de conteúdo, definido como um “[...] conjunto de técnicas de análises das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 1977, p. 38).

DESENVOLVIMENTO

Refletir sobre as desigualdades que caracterizam as condições de mulheres jovens e negras requer a compreensão das convergências e articulações de categorias que atuam diretamente na situação de precariedade ou no processo de mobilidade social vivenciados por elas.

Estudos e pesquisas recentes apontam que a situação da população negra vem se modificando ao longo do tempo, no entanto o quadro ainda requer atenção, considerando que as desigualdades vivenciadas entre brancos e negros ainda é significativa nos diversos setores: educação, atuação no mercado de trabalho, renda, saúde. A maioria da população negra vive em condições de vulnerabilidade, na informalidade ou vinculados a atividades laborais que apresentam menores rendimentos. De acordo com os resultados da PNAD (2018) o recorte por cor/raça e sexo se constitui fundamental para se diagnosticar as desigualdades no Brasil. Os dados desta pesquisa apontam que em 2018 trabalhadores brancos ganhavam em média 73,9% mais do que trabalhadores pretos ou pardos e os homens recebiam em média, 27,1% mais que as mulheres.

Dados dos Indicadores Sociais (2019)^[4] revelam que a população negra continua em desvantagem em relação a população branca. A partir de informações contidas no Documento Síntese de Indicadores Sociais 2019 as pessoas de cor preta e parda em 2018 obtiveram rendimento médio domiciliar *per capita* de R\$ 934,00 em contrapartida as pessoas de pele branca atingiram a renda média de R\$1.846,00. No recorte temporal entre 2012 e 2018 ocorreu uma pequena redução desta diferença, porém nada capaz de colocar pretos/pardos e brancos em pé de igualdade, permanecendo a histórica desigualdade de

rendimentos entre eles.

Os dados da PNAD Continua, 2º trimestre, 2016/2018 divulgados no Documento Síntese dos Indicadores Sociais 2019 no que se refere a adequação idade-etapa para faixa etária de 18 a 24 anos de idade indicam que a maior desigualdade por classe de rendimento recai no percentual de frequência ao ensino superior. A pesquisa demonstra que 63,2% dos jovens desse recorte etário pertencente ao quinto da população com rendimentos mais altos frequentavam o ensino superior, enquanto apenas 7,4% dos jovens no quinto da população com os rendimentos mais baixos estavam frequentando este nível de ensino, representando um percentual 8,5 vezes menor. Os resultados do referido estudo revela que jovens pretos e pardos possuem metade do percentual mensurado para brancos no que se refere ao ensino superior, respectivamente representados pelos percentuais 18,3% e 36,1%.

O estudo mostra que houve um crescimento da taxa da população jovem (18 a 24 anos) por raça/cor que estavam cursando ou já tinha concluído a graduação em 2018. Para brancos a taxa era de 33,5% (2016) 32,9% (2017) e 36,1% (2018). No que se refere a pretos e pardos a taxa era de 16,8% (2016); 16,7% (2017) e 18,3% (2018). Em relação a pretos e pardos entre 2016/2017, ocorreu uma estagnação, já em 2018 se identifica uma tímida evolução. No entanto, apesar do crescimento, há uma enorme discrepância em relação aos dois grupos.

A população negra, apesar das conquistas, ainda vivência desigualdades históricas que ultrapassam séculos, entre essas desigualdades a educação ocupa lugar de destaque. Os clássicos estudos de Hasenbalg (1979), Hasenbalg e Valle Silva (1988), Pastore (2000), Henriques (2001, 2002) evidenciaram importantes dados sobre a situação da população negra e revelaram o peso que a educação exerce no processo de integração e mobilidade social deste grupo. Hasenbalg, Silva e Lima (1999) afirmaram que a escolarização tem grande relevância quando relacionamos as oportunidades entre brancos e negros. Ainda neste viés, Hasenbalg (1979) refletia sobre as causas do baixo índice de escolaridade da população negra, entre elas a afirmação de que a cor da pele opera diretamente no rendimento e na permanência dos discentes negros no sistema educacional.

Os estudos mencionados acima são clássicos e realizados em décadas anteriores, destarte, como é possível corroborar a partir dos dados expostos com base no levantamento da PNAD Continua 2012-2018 a realidade diagnosticada pelos pesquisadores referenciados anteriormente não é destoante da atualidade. Muitos avanços e conquistas foram efetivadas nas últimas décadas, contudo a situação ainda é grave e demanda ações de enfrentamento a curto, médio e longo prazo.

Assim, frente ao atual panorama de desigualdades históricas a que está submetida a população negra, conhecer as experiências de jovens mulheres negras universitárias na cidade de Parnaíba(PI) e por meio delas analisar as interfaces entre as questões socioeconômica, gênero e raça/cor, bem como identificar os desafios vivenciados por elas e as estratégias e recursos mobilizados para superá-los, se reveste de grande importância.

A fase de produção dos dados se deu inicialmente por meio da identificação das jovens que preenchiam os critérios para participar do estudo, logo após a aplicação do questionário para traçar o perfil socioeconômico. Nesta etapa conseguimos a adesão de 36 estudantes que possuíam o perfil desejado.

Paralelo a isso desenvolvemos pesquisas em sites como do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/INEP, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE e documentos oficiais como Censo da Educação Superior 2017 com o intuito de levantar informações sobre a educação superior no Piauí e Parnaíba.

Concluída a aplicação do questionário e tabulação, realizamos uma análise dos perfis para selecionar as participantes da entrevista. A pretensão era ter jovens com perfis bastantes heterogêneos, seja em relação a idade, curso, políticas de acesso, tipo de escola que cursou a educação básica, escolaridade e renda dos pais, com quem residia, se trabalhava, entre outros. Nesta primeira etapa foram selecionadas 10 jovens. Feito isso, o próximo passo foi a realização da entrevista compreensiva que ocorreu a partir de novembro de 2019 e ainda está em curso em virtude da Pandemia da Covid-19.

A entrevista compreensiva se apresenta muito fértil para a proposta deste estudo por valorizar as experiências das jovens e oportunizar o exercício da reflexividade e um trabalho do sujeito sobre si mesmo, já que, ao falarem sobre suas experiências passam por um processo de reflexão sobre o vivido e sinalizam possibilidades de novas alternativas e intenções. Kaufmann (2013) alerta que o pesquisador deve valorizar a reflexividade dos indivíduos e grupos que, ao serem provocados pelo entrevistador, direcionam esforços para pensar e organizar explicações sobre si, elaborar interpretações, olhares sobre suas vidas, para si mesmo proporcionando um processo de autoconhecimento e autoconstrução.

Pretendendo criar um clima favorável para que as jovens compartilhassem suas experiências, iniciamos a conversa com a questão disparadora: me conte como está sua vida agora, pensando na sua condição de jovem que está frequentando o ensino superior? Esta questão promoveu uma interação entre pesquisadora e entrevistadas, mobilizou o pensamento delas para a partir disso se adentrar as suas experiências em diferentes domínios sociais como educação, família, trabalho sociabilidade e laços afetivos, desafios vivenciadas e as estratégias adotadas para superá-los, bem como suas expectativas e metas para o futuro.

Desta forma, após a realização das entrevistas, foi realizada a transcrição, leitura parcial e preliminar, seleção dos fragmentos que dessem conta de apontar as primeiras categorias, sendo possível identificar alguns temas/categorias fecundas para se pensar os desafios vivenciados por estas jovens:

- I. Aprender o ofício de estudante universitária/afiliação;
- II. Mundo do trabalho;
- III. Transpor barreiras econômicas e geográficas;
- IV. Autonomia/dependência familiar;
- V. Silenciamento/ Vivência de situação de preconceito;
- VI. Empoderamento feminino.

É importante ressaltar que os temas/categorias elencados acima não saturam as experiências sociais das jovens relatadas nas entrevistas. Elas se configuram os primeiros indícios que as entrevistas revelam, haja vista que a análise ainda não está concluída.

CONCLUSÃO

De maneira preliminar, haja vista que a pesquisa ainda está em curso, as pistas emitidas pelas jovens dão conta que elas vivenciaram inúmeras e diferentes dificuldades quando ingressaram na universidade. Com base nos relatos estes obstáculos estão associados ao fato de serem oriundas da escola pública e terem uma trajetória educacional acidentada com muitas lacunas; as questões econômicas e geográficas que contribuíram para que elas tivessem que sair da sua cidade natal e virem morar sozinhas em outro município/estado. Algumas por residirem em pequenos povoados não tiveram acesso à tecnologia e a

informação; dificuldade de adaptação as regras institucionais. Independente das questões geográficas ou econômicas cursar uma graduação se configurou projeto de vida entre as 10 estudantes entrevistadas.

As jovens elencam o desejo e incerteza de inserção no mercado de trabalho e também a autonomia/independência familiar, considerando que a maioria não trabalha e são completamente dependentes dos familiares.

Nos relatos foi possível identificar um silêncio ou não saber identificar situações de preconceito por parte de algumas jovens que dizem ter conhecimento da existência do racismo, mas nunca ter sofrido nenhuma situação. Outras sinalizam claramente a vivência de situações explícitas ou sutis de preconceito e discriminação por sua condição socioeconômica, de gênero e raça/cor. Uma parte expressiva demonstram viver um processo de empoderamento.

Destarte, de maneira inconclusiva, são estes os primeiros indícios que o estudo aponta.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Raça/cor. Condição socioeconômica. Jovem negra universitária. Desafios.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2019** / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101678.pdf>> Acesso dezembro 2019

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios Continua**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em Acesso dezembro 2019

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HENRIQUES, Ricardo. **Desigualdades raciais no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90**. Brasília: IPEA, 2001.

HENRIQUES, Ricardo. **Raça e gênero no sistema de ensino: os limites das políticas universalistas na educação brasileira**. Brasília: UNESCO, 2002.

HASENBALG, Carlos A. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HASENBALG, Carlos A; SILVA, Nelson do Valle; LIMA, Márcia. **Cor e estratificação social**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1999.

HASENBALG, Carlos A; SILVA, Nelson do Valle. **Estrutura social, mobilidade e raça**.

Rio de Janeiro: Vértice: IUPERJ, 1988.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2013.

PASTORE, José; SILVA, Nelson do Valle. **Mobilidade social no Brasil**. São Paulo: Makron Books, 2000.

^[1] IES - Instituições de ensino superior

^[2] PROUNI – Programa Universidade Para Todos - É um programa do governo federal/Ministério da Educação, que oferta bolsas de estudo integrais e parciais em instituições privadas de educação superior, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros sem diploma de nível superior.

^[3] FIES - Fundo de Financiamento Estudantil - É um programa do Ministério da Educação que visa oportunizar financiamento a estudantes em cursos superiores não gratuitos, com avaliação positiva nos processos conduzidos pelo MEC.

^[4] Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira (2019), documento lançado pelo IBGE e que teve como principal fonte para sua construção a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua de 2012 a 2018.